



A CHARQUEADA

Antonio Carlos Machado

E' corrente entre os estudiosos que o primeiro salgadeliro rio-grandense data de 1779. Cremos, porém, tratar-se de um "lapsus". Na Argentina, onde até data recente o implante da indústria do "tasaço" era atribuído aos cinco irlandeses que por volta de 1785 arribaram à Patagônia para a pesca da baleia, os historiadores mais novos e melhor apetrechados de subsídios arquivais têm procurado situar a questão em seus devidos termos. No que se refere ao fabrico de "extractum carnis", o revolucionário preparado de Liebig, que Vicente Gomes de Carvalho e Ubataba introduziram no Rio Grande e Mauá chegou a produzir em larga escala, com o auxílio do químico francês M. A. Biraben, também persiste antiga e incabível confusão, que cumpre desfazer à luz dos textos de descoberta mais recente.

Sobejam indícios de que o processo de charquear foi introduzido no Rio Grande pelos Jesuítas após a fundação das reduções, chegando mais tarde ao conhecimento dos mulatoiros descidos de São Paulo e de Laguna.

Numa carta de Rodrigo César de Menezes a Francisco de Brito Peixoto, escrita presumivelmente antes de 1727, há a seguinte e elucidativa observação: "Também poderão (os espanhóis) ir à Ilha de Santa Catarina comerciar com aqueles moradores, levando os seus gados pelos campos daqueles distritos, por que assim se poderão fazer nas campanhas muitas carnes secas."

Talvez seja bom lembrar também que em carta de 15 de agosto de 1736, Gomes Freire avisava ao Governador da Colônia do Sacramento que lhe remetia "800 arrobas de carne seca do Rio Gran-

de." Bastariam essas respigas para desautorizar a conclusão de que foi o cearense José Pinto Martins o primeiro a fazer charque no Rio Grande. E' verdade que somente pelo último trintênio do século XVIII a salga de carne se estabeleceu no extremo-sul do Brasil em caráter de atividade industrial. Isso, porém, constitui questão à parte. "That is an other story". — como diria Kipling. Por volta de 1779, procedente da terra alencarina, arribou ao Continente José Pinto Martins, retirante da catastrófica estigagem de 1777. Conhecedor do processo de preparar a "carne do sertão", teria se estabelecido logo com uma grande charqueada à margem do São Gonçalo, que com setenta e sete quilômetros de extensão é um sangradouro ou canal francamente navegável que comunica a Lagoa dos Patos com a Mirim. Diversos documentos, entretanto, autorizam a convicção em que nos achamos de que a origem das atividades saladeiristas no Rio Grande remontam à época das reduções, se porventura não tenha mesmo se antecipado à fundação das mais ocidentais, hipótese essa a que induzem inúmeros testemunhos, entre os quais uma "anua" do Padre Boron.

Se se levar em conta, entre outros documentos de absoluta incontestabilidade, os já citados e ainda mais os diversos requerimentos de sesmarias de antes de 1737, pode-se afirmar que a existência de saladeiros propriamente ditos no Rio Grande anterior ao estabelecimento do Presídio não é nada inverossímil.

Seja como for, é preciso convir que o saladeirismo firmou-se a princípio em ambas as ribas do São Gonçalo. Ao tempo de Saint-Hilaire, havia nelas dezóito

estabelecimentos, sendo de vinte mil cabeças a média de animais bovinos abatidos em cada safra. Estendeu-se depois às margens do Rio Jacuí para, cessada a revolução farroupilha, atingir nos rios e açudes goiás um formidável incremento. Augusto de Pinho em 1839 pôde observar a opulência dos abatedouros estabelecidos de um e outro lado do São Gonçalo.

O Rio Jacuí que foi a meta da primeira grande iniciativa bandeirante na direção do pampa e longamente diferenciador político foi também o grande caminho da civilização gaúcha, o elemento geográfico que mais contribuiu para a plasmagem histórica do Rio Grande. Nas suas cercaduras estabeleceu-se o domínio português, essencial à cristalização do Rio Grande brasileiro, como o compreendeu o General Gomes Freire, sustentáculo inabalável de Portugal na América e que aparece na história colonial do Brasil como uma figura impressionante. E mais ainda: aberto o ciclo saladeirista, a fim de estabelecer aí um grande entreposto de charque e outros produtos pecuários, não tardaram os salgadores de carne a procurar as suas cercanias. Entreposto destinado a ser o primeiro no período compreendido entre os anos de 1800 e 1850, em que a exportação anual de carne seca se elevou a seiscentos mil arrôbas, consante o autorizado depoimento de S. F. Soares.

Em 1846, viajando pelo Rio Jacuí, Alexandre Bagnet pôde verificar a numerosidade dos saladeiros estabelecidos ao longo do grande caminho hidrográfico.

Até 1850 foram principalmente as tropas que mantiveram em suspensão o saladeirismo. Este encontrou o seu primeiro surto ascensional no interregno 1826-1830, interregno áureo, de resto, não só para o charque como também, segundo notou António Manoel Correia da Câmara, para diversos produtos e subprodutos de origem animal, tais como couros secos e salgados, peles, sêbo socado, corda, óleo de mocotó, cinzas de osca, garras, lã bruta, sabões de chifres, línguas salgadas, vaquetas, unhas de boi, azete e couros de água, graxa em pipas ou em bexigas, cola, umbigos, cancelas e "malos" de sola.

Antes de proseguirmos, é útil lembrar que a exportação de charque apresentou no período revolucionário um movimento superior ao que seria licito esperar, como demonstraremos a seguir, estribados nos informes de António Eleutério de Camargo. Assim se processou a exportação:

1837/1838	156,053	9/40	arrôbas
1838/1839	157,316	13/160	"
1839/1840	433,127	139/160	"
1840/1841	61,285	19/40	"
1841/1842	600,354	33/40	"
1842/1843	728,327	27/80	"
1843/1844	1.112,768	1/8	"
1844/1845	951,034	63/80	"

Os algarismos retro-expostos esclarecem com precisão a afirmação anterior. Vê-se que a exportação se manteve em níveis relativamente altos, exceto no biénio 1840/1841, exatamente o mais crítico de toda a Revolução. Não correremos o perigo de provocar controvérsias se dissermos que fora impossível realizar mais. Visto no seu conjunto, o comércio de produtos pecuários na década seguinte à da guerra civil experimentou registrável incremento e se voltamos os olhos para os elementos estatísticos coligidos por António Eleutério da Camargo verificaremos que merecem atento exame. O aumento foi mais sensível quanto à exportação de couros que, depois de ter descido a níveis baixíssimos em 1845, atingiu inusitadas proporções logo em 1846. E' o que se observa dos documentos. No que se refere particularmente ao charque, há a considerar, desde logo, que de um modo geral a indústria saladeiril emergiu da luta decenal desorganizada, com a maioria dos seus estaqueadores e estende-douros praticamente inservíveis. O advento da Revolução implicou, como não se desconhece, na paralisação quase total dos estabelecimentos faculenes e goiás, em virtude de múltiplas causas, sobretudo, pela escassez de mão de obra, pois os homens válidos foram chamados às armas e pela desorganização dos transportes terrestres e fluviais, resultante da regulação ou do sequestro de quase todas as carréas e embarcações. Vale, nesta altura, lembrar que as consequências desse fato foram sobretudo nocivas às tabladras e marchantarias, influenciando, também, no sistema de criação. Diante da considerável escassez de gado, nos anos de após-guerra, se criou entre os estancieiros a consciência de que manter os seus rebanhos no regime antigo de concriação difusa era agravar o descalabro, inclinando-se a alterar convenções outrora consideradas como invioláveis. E se alguns fazendeiros chegaram a fazer grandes cercas foi isso devido exclusivamente aos seus interesses, diridos agora no sentido de novos e melhores processos bovinotécnicos. A influência das lutas armadas na marcha dos povos foi sempre decisiva. A história tem mostrado, mesmo, que

toda guerra traz consigo grandes transformações.

A cultura, aliás, se acha sob a dependência do progresso, mas não pode ser identificada com ele, conforme já acentuamos. A força que a novidade desfruta para impor-se é antes de tudo psicológica. Espinoza já o disse: uma coisa desejada é sempre boa. Nenhum poder material conseguiria tornar aceitável uma inovação que todos repudiassem. Se bem que seja falso que a Revolução Farrroupilha se inspirou em razões de ordem econômica, no entanto é certo, certíssimo, que elas não podem ser esquecidas. Não foi necessário um decênio para que o saladeirismo adquirisse no Rio Grande marcado desenvolvimento. Desfeito o equilíbrio entre a produção e a distribuição, elas entraram em conflito, muitas vezes inaparente. Os arquivos fornecem, nesse particular, numerosos exemplos.

Pelo que toca aos hábitos e costumes, tendem eles a desaparecer quando, muito afastados das suas origens, já não se podem adaptar às transmutações sofridas pela sociedade em sua escala de valores orgânicos. Compensados dessa evidência, poderemos compreender os novos rumos assumidos pelo pastoreio depois de 1845 e tendentes, sob várias formas, a influírem na indústria charqueadora.

Fôra presumir demais supor que a queda do charque, como principal produto de exportação, derivou da concorrência platina. Sem discutir a extensão do assunto e considerando apenas o seu aspecto mais importante, diremos que, a partir de 1865, numerosos outros produtos passaram a pesar na balança exportadora, especialmente os arrelós, as velas de cera e os incontáveis artigos fabricados pelos cartumes e correarias. Acrescentemos que a saturação do São Gonçalo não tardou a se fazer sentir, procurando os saladeiristas as margens dos arroios Pelotas, Santa Bárbara e Piratini, seus afluentes. O Arroio Pelotas, cujas nascentes estão na Serra dos Tapés, apresentava excelentes condições de navegabilidade até cinco léguas da sua foz. O Piratini, a seu turno, oferecia navegação franca até o passo do Ricardo, seis léguas acima da sua barra, mas só a lanchas e pequenos lates. Todas as tentativas no sentido de prolongá-la até o passo de Maria Gomes redundaram em pura perda.

Assim, chegou o dia do congestionamento econômico para o saladeirismo pelotense, o que é facilmente compreensível. Os algarismos relativos à exportação de charques durante o último quar-

tel do século XIX, são bastante expressivos. Realmente, no quinquênio 1890-1895 registrou a balança exportadora o decréscimo de cerca de 25 % no volume físico quando feito o confronto com igual período anterior. Não nos é possível entrar na análise da questão sem ultrapassar demasiadamente os limites deste capítulo.

Conhecemos os saladeiristas certas dificuldades durante a Revolução Federalista. Vários estabelecimentos tiveram de ser fechados por falta de braço. Quando se procede à leitura dos documentos, verifica-se o esforço considerável dispendido pelos charqueadores rio-grandenses no sentido de superar os seus competidores platinos.

Viram-se eles da noite para o dia privados de importantes mercados.

Tudo permite acreditar que as constantes guerras, de que o Rio Grande do Sul foi teatro, influíram importantemente no estabelecimento do carneio industrial, sendo de atribuir-se, pois, o seu retardo cronológico não tanto à ignorância de valor do charque como artigo exportável como às frequentes incursões militares, diante das quais os fazendeiros preferiam vender o gado em pé. É oportuno salientar que as dificuldades do porto do Rio Grande foram também um fator retardativo.

No que diz com a charqueada, estabelecida por José Pinto Martins em terrenos cedidos pelo governo a Manoel Carvalho de Souza, seria exaustivo explicar as discrepâncias existentes. Podemos afirmar, entretanto, que não foi a primeira. E, seja como for, a verdade é que quarenta anos após, poderia Francisco Xavier Ferreira escrever ao governo do Rio de Janeiro: "O charque é um dos gêneros de maior exportação da Província".

É necessário advertir que logo de início a indústria saladeira sofreu sérias embargações, em consequência da pesada taxaço imposta pelo fisco, sobretudo pelo imposto de seiscentos réis sobre cada arrôba de carne exportada em navio estrangeiro. Daí o fato de haver conhecido, ainda no terceiro decênio do século XIX, asseverante e ruinosa crise, agravada pouco depois pela produção excessiva, sem nenhum método ou regulamentação. Já em 1805, aliás, quinze fazendeiros de Pelotas e Rio Grande dirigiam-se ao Senado provincial, em longo documento, frisando os prejuízos decorrentes desse estado de coisas. Passemos-lhes a palavra, neste trecho: "a perda eminente, irreparável e sucessiva que têm experimentado os fatores e contraintantes das carnes sócas

saídas, que desta Província se exportam efetiva e anualmente para todos os Portos do Brasil compreendidos deza de Ilha Santa Catarina ao de Pernambuco, têm tido e continuam a ter a sua principal origem na Irregularidade e multiplicidade com que diária, mensal e anualmente se fabricam as mesuras Carnes, sem escolha de estação própria e de suficientes gados”.

Qualquer que seja o ponto de vista sob que consideremos a história da industrialização do gado no Rio Grande, ela se apresenta suscetível de divergências, não cabendo dúvida, no entanto, relativamente à antiguidade dos primeiros saladeiros. Que a indústria de charquear só assumisse caráter geral, no fim do século XVIII, está mais que provado. Daí a admitir, porém, que a sua origem data de 1779 vai grande diferença. Que houve no Rio Grande desde logo atividades charqueadoras é incontestável. Esta consideração é indispensável para afastar as confusões recíprocas. Já tivemos ensejo de mencionar alguns documentos sobre o assunto. Cabe, indiscutivelmente, aos Jesuítas a prioridade do fabrico de charque no Rio Grande. Por outro lado, é fato positivo, documentadamente provado, que Cristóvão Pereira de Abreu não tardou a fazer-se contratador de couro e charqueador. Estamos citando apenas um fato dos muitos que poderíamos lembrar.

Quem quer que observe a produção posterior à Revolução Farroupilha concluirá que ela se manteve em nível relativamente baixo. Os dados que as estatísticas nos fornecem são por si mesmos bastante eloquentes para dispensar comentários.

Em todo o caso, diremos que, embora não sejam rigorosamente exatos no que pertencem ao decênio 1850-1860, o último verdadeiramente lucrativo para os saladeiristas, vêm eles reforçar a prova, de resto já nobreja, de que o “quantum” de vinte mil quilos, alures calculado, representa bem a média de exportações anuais no referido período.

E desautorizariam, se documentos insofismáveis já se não tivessem encarregado de fazê-lo, a afirmação mal-avisadamente feita de que o saladeirismo rio-grandense na referida época teria vivido à feição de grande vendagem.

Foi pelo ano de 1832, ano em que pesadíssimos impostos já oneravam a indústria criadora e recriadora da Província, que se manifestou insólita carência pluviométrica. Em 1833 a aparição do carrapato e a superveniência de várias zoonoses até então desconhe-

cidas, sobretudo nos invernaadouros e campos de engorda, conjugadas a outros fatores anormais, preleudiu a crise sobrevinda em 1835, logo após o irrompimento da revolução. Com o alastramento da revolta, a indústria da carneação sofreu um verdadeiro colapso. As estatísticas sobre as matanças no período 1835-1845 o demonstram com cifras bastante explícitas. Antes de 1835, um boi de corte pouco valia. Com o movimento insurreccional, passou a custar o triplo. Durante a carestia que o seguiu, o seu preço poucas vezes baixou de 70\$000. A Paz de Ponche Verde — o isso pode ser afirmado sem hesitação — foi o encerramento de um ciclo histórico verdadeiramente desastroso para a pecuária.

Depois de 1835, as charqueadas do Rio Jacuí começaram a decair. “O fato de ter coincido a extinção das charqueadas do Jacuí com a guerra civil da Província, que durou cerca de 10 anos — observou I. V. Pedernelas — leva muita gente a pensar que a emigração da indústria para as margens do S. Gonçalo foi efeito da mesma guerra. É completo engano. Não lutassem as charqueadas do Jacuí com a dificuldade de exportação dos seus produtos, elas se restabeleceriam logo depois da guerra”.

O Rio Jacuí é o maior e o mais importante dos rios, cujas águas se confundem no majestoso estuário do Guaíba. É francamente navegável desde Porto Alegre até Santo Amaro, num percurso de cerca de cem quilômetros. De Santo Amaro até Rio Pardo somente durante as cheias permite o tráfego. Dos obstáculos apresentados pelo canal do Cangussu aos barcos velivagos, devido ao seu pouco fundo e ao seu traçado serpentiniforme, decorreu pois o definhamento completo dos saladeiros jaculenses. Descrevendo-o em 1856, o Gal. Jerônimo Coelho dizia: “...se desenvolve na extensão de 7 léguas, sem o menor abrigo, em direções tão variadas que são precisos diferentes ventos para os navios de vela, obrigando-os a fazerem difíceis e perigosas bordadas”.

Embora iniciada em 1832 a navegação movida à máquina no Rio Grande e embora tenha Mauá em 1847 organizado uma empresa de navios a vapor para os portos rio-grandenses, o certo é que até os fins do século XIX o veleiro e a embarcação de remos predominaram quer nos rios Jacuí, Ibicuí, Taquari e Uruguaçu quer no “mediterraneum”, estradas líquidas, cuja influência sobre a formação gaúcha lembra a “Uranía da água” de que fala Camille Valisux e o conceito de Ratzei relativo à função das

grandes massas fluviais e lacustres como núcleos essenciais dos povos.

Há que ser lembrado que Simbu chegou, mesmo, a advogar o desativamento do Rio Vacacaí para através dele estender a navegação até a vila de São Gabriel. Há que se ressaltar também que em 1853 o agrimensor M. Pompeu Demolly, depois de estudar as lagoas rio-grandenses, cuja área abrange cerca de doze mil quilômetros quadrados, sugeriu o seu aproveitamento mediante a abertura de canais.

Ao tempo de Saint-Hilaire, os barcos que trafegavam entre Porto Alegre e Rio Pardo, servindo preferencialmente aos charqueadores, dividiam-se em duas categorias: as "Cancas Negras", estreitas, alongadas, geralmente pintadas de verde e cobertas por um baldaquino da mesma cor e as "Cancas" propriamente ditas, pontudas, de um único mastro. Com as dificuldades do canal de Canguçu, única porta de entrada e saída do Rio Jacuí, as povoações desse rio, desenvolvidas à custa da indústria salgada, aliudamente Rio Pardo, Santo Amaro e Trinto, "abandonadas por grande parte da população que ficou sem ocupação — o depósito é de I. V. Pederneras — virão os seus prédios deprecarem-se e uma boa parte deles, desprezados, desabarem em ruínas".

Infelizmente não há dados que nos habilitem a formar um juízo amplo sobre a deslocação em massa dos industrialistas do charque na direção do São Gonçalo. Sabe-se que foi inspirada sobretudo pela posição vantajosa do sangradouro, próximo do mar e de um dos mais ricos entrepostos gadeiros da Província: o município de São Francisco de Paula, mais tarde Pelotas. Mas, pretendendo-se aferir as causas da grande prosperidade dos saldeiros pelotenses, é imprescindível não esquecer outros fatores, pois a própria barra do São Gonçalo oferecia os seus obstáculos, como atestam inúmeros documentos, entre os quais o que registra os esforços envidados em 1823 pelo fazendeiro Antonio José Gonçalves Unves no sentido de melhorá-la por meio de escavações e dragagens. Até 1835 prosperou, sem solução de continuidade, a indústria saldeira, apesar do fiaco voraz. A partir de 1845, em que passou à lei equiparando aos produtos rio-grandenses os similares importados do Prata, ela retomou o seu ritmo ascendente, para experimentar novo e definitivo declínio alguns anos mais tarde.

Já na safra de 1861 decorreu sem animação o movimento nas tabladras de Pelotas, Jaguarão e Canguçu, as principais da Província. Lembremo-nos que

seria uma antecipação do ruinoso "crack" ocorrido em 1862, ano em que em todo o Rio Grande seriam beneficiadas apenas trinta mil vacas.

Outro fato pode acudir em auxílio do estufo, nesse particular. Referimo-nos ao aparecimento de certos defeitos. O charque, conforme todos sabemos, é um produto delicado e como tal de conservação difícil. Não podendo prescindir das pilhas de inverno, porque as matanças se intensificavam justamente na época invernal, as charqueadas viam-se na contingência de dispor grandes estoques no fim de cada safra. Resultava daí a "estaga", que aparecia nas pilhas de inverno. Esse defeito, muito comum e generalizado, tinha a sua origem em charques empilhados com demora de vários meses, acentuando-se quando os mesmos eram removidos para o ar livre, ou expostos ao sol para a sua completa secagem. Manifestava-se sobretudo nos estabelecimentos em que o empilhamento era feito com o chamado movimento de galpão, não permitindo-se, assim, que as carnes alcançassem a consistência necessária para resistir ao longo estágio de disponibilidade. Também o verme, o mófo, o abombamento e o ensaboamento constituem defeitos dos mais velozes.

Pelos informes que temos ao nosso alcance, verifica-se que as matanças começavam muito tarde, perdendo os charqueadores grande parte do verão e sendo obrigados, por isso, ao armazenamento de grandes estoques. Durante certo tempo, ficava nas pilhas de inverno a metade do total produzido, entrando a salmoura em decomposição, além de outros sérios inconvenientes. O verme chegou a ser o terror dos saldeiros. O seu aparecimento, em maior quantidade, se verificava durante o inverno, em consequência da umidade própria da estação. O abombamento aparecia nas mantas em forma de manchas verdes e escuras, especialmente no verão, em consequência da falta de talbos ao charquear e outras circunstâncias, entre as quais o emprego de sal já usado em salgões anteriores.

O ensaboamento aparecia nos charques muito gordos, entrando em contato com outras peças, adquiriam uma espessa capa de gordura em quase toda a sua superfície.

Embora não seja possível fixar a data, é quase certo que esses defeitos começaram a se manifestar de modo agudo a partir de 1860. Mas a verdade verdadeira é que apareceram com as primeiras charqueadas. É esta uma questão importante. Num primeiro relance

parecerá que tais defeitos eram inevitáveis, dado o longo intervalo entre a elaboração e a colocação do charque nos mercados consumidores, oriundo, sobretudo, da irregularidade e deficiência dos transportes. Não se deve inferir, todavia, que basta esse fato para explicá-los. O próprio preparo da carne oferecia inúmeras dificuldades, sendo frequentes os talhos profundos, embora condenados pela rotina vulgar. Pela sua conformação natural, certas dobras das mantas ficavam ocultas à penetração do sol, sendo preciso, para a sua completa secagem, extremo cuidado. Acresce o fato de que no verão as salmouras, depois de aplicadas, azedavam rapidamente, transformando-se em verdadeiros focos de contaminação microbiana.

Nenhum aspecto da vida das charqueadas pode ser compreendido sem o corte transversal das suas condições existenciais. Em geral, tinham por núcleo os centros urbanos, embora localizados, muitas vezes, na sua periferia. Diversas zonas de influência irradiavam delas. Não é preciso ir longe para apreendê-las, porque existem, ao nosso alcance, numerosos documentos. Poucos, contudo, têm conhecimento do complexo tecido de relações em que as charqueadas se desenvolveram. Sem o analisar cuidadosamente, será difícil compreender a sua verdadeira importância social, política e econômica. Pode-se afirmar que a charqueada, o charqueador e a charqueação não são fenômenos separáveis, mas simplesmente os valores distintos de uma mesma instituição grupal. Ninguém quisá se apercebeu dessa verdade com maior clareza que Saint-Hilaire.

A charqueada foi, antes de tudo, um fenômeno de estratificação econômica. Criou um campo de interesses especiais, suscitou traços etiológicos divergentes, tornou complexa a estrutura social da Província, não apenas pela diferenciação ocupacional, mas principalmente pela área funcional diferenciada que determinou, dando margem, ao mesmo tempo, ao advento de um grupo associativo particularizado, cujas condições estruturais serão tratadas com a necessária largueza em página ulterior. Possivelmente, os saladelistas mais importantes, como comunidades centralizadas, são aqueles que surgiram às margens de São Gonçalo.

Concebe-se, por outro lado, a importância de certas estâncias pelotenses que se erigiram em áreas de transição, com tendência a distanciar-se cada vez mais das suas características iniciais, num processo de desintegração sociológica, favorecido desde logo pelos recursos de transporte rápido e fácil comunicação.

No município de Pelotas, aliás, chegou a formar-se uma área cultural pluri-articulada, tendo por instituição primordial a indústria saladelista. Não é possível tratar aqui de todos os elementos constitutivos da charqueada. Somente alguns deles, os mais gerais, devem ser sublinhados neste capítulo, a fim de facilitar desde logo a sua compreensão como núcleo básico de atividade merecedor de todo realce. Esses elementos são os seguintes: 1) ecologismo; 2) base ou carvão física; 3) agrupamento localizado.

A influência dos fatores geo-econômicos sobre as charqueadas foi decisiva. É evidente que o povo gaúcho muito dependeu dos recursos ecológicos para a sua formação. São óbvios, aliás, os efeitos do bio-ambiente sobre as estruturas sociais. Eles afetam até mesmo os processos fisiológicos. Em regiões como o Rio Grande do Sul, onde os colonos encontram desde logo o auxílio da Natureza, as condições bio-ambientais influem relevantemente nas preferências ocupacionais.

É muito ilustrativo o fato de ter o saladelismo se firmado nas margens dos rios Jacuí e São Gonçalo. Ele confirma a tese de que as rotas de civilização se desenvolvem, via de regra, ao longo dos caminhos naturais, facilmente transitáveis. Os vales dos rios, de resto, sempre foram os preferidos pelos movimentos de população. Mas não é esse o aspecto que desejamos frisar. Não será necessário apelar para os documentos para ver que a charqueada buscou, desde logo, as zonas ricas de matéria prima, isto é, abundantes de gado. É claro que não poderia ser de outro modo. Não se pode nunca acentuar devidamente a importância desse fato. O ecologismo, por conseguinte, representou uma condição primordial e básica na vida da charqueada, identificando-se desde logo com os fatores geo-econômicos que a condicionaram no tempo e no espaço.

Para melhor focalizar a significação da ecologia na existência das charqueadas, é imprescindível frisar que o caráter real de qualquer atividade depende substancialmente das razões circunstanciais que a inspiram. Ninguém conseguirá compreender de modo completo certos tipos de trabalho coletivo sem a consideração das circunstâncias ecológicas que o determinaram. O observador mais desprevidido reconhecerá logo o caráter ecológico dos garimpos.

Por que os saladelistas se estabeleceram nas margens do Jacuí e do São Gonçalo? A suposição de causa única, nesse caso, é inaceitável. Abstração

falta do ecologismo, em sentido amplo, fato é, abrangendo o homem e a terra, o certo é que instituições e estabelecimentos de trabalho tendem a aglomerar-se, tanto quanto possível, localizando-se uns próximos dos outros, fazeo ajuntamento, freqüente nas áreas urbanas, congestas, pelas subdivisões que elas impõem, só tem efetividade em regiões rurais em casos especiais, relativamente infrequentes, assumindo, não raro, a feição de área diferenciada. Seja como for, não foi por mero acaso ou acidente que os saladeiros chegaram a formar, às margens do São Gonçalo, uma comunidade local com história própria e existência distinta.

Em seus delineamentos estruturais, a charqueada apresenta, desde logo, uma base física importante, envolvendo larga variedade de elementos climáticos, topográficos, etc. Conforme já fizemos notar, os saladeiros situavam-se, geralmente, no âmbito de ação ou na periferia dos centros urbanos, pela facilidade de acesso à numerosas utilidades indispensáveis. Não existem registros exatos sobre o assunto, mas, segundo os dados que logramos colligir, a maioria das charqueadas pelotenses não estava muito da villa, possuindo os seus proprietários residências urbanas para estadias mais ou menos prolongadas.

A não ser nos meses do verão, eles não permaneciam muito tempo nas charqueadas. Um bom ponto de partida, pois, para os estudos, é a análise dessa circunstância, em que é possível discernir um tipo de vida bastante concreto e definido. Esse estudo faculta não só melhor compreensão da estrutura funcional das charqueadas como a aquisição de conhecimentos indispensáveis a um exame mais rigoroso das suas características existenciais.

Traça a influência da mesologia sobre a indústria saladeira, antes de tentar-se a interpretação das suas linhas orgânicas, constitui, mesmo, tarefa necessária, porquanto a charqueada não pode ser perfeitamente compreendida senão como um verdadeiro grupo de localidades.

Ela foi, realmente, um caso típico de agrupamento localizado. Englobando-se os seus aspectos essenciais, a charqueada pode ser considerada como um fenómeno de centralização económico-social bastante extenso para dispor de valores institucionais próprias, individualizados. De tal feito que cunbre fixá-los devidamente. Importa, acentuar que os charqueadores pelotenses escubram manter e tirar proveitos das manifestações adquiridas. Dê-se se pode dizer, entretanto, que foram

eminentemente democratas. Já também perfeito cabimento para a afirmativa de que a grande massa de saladeiristas, insulada em suas propriedades, como transparece meridianamente dos documentos conhecíveis, jamais alimentou qualquer veia de hegemonia. Mesmo os que se salientavam por alguma atividade social ou política mantinham-se nos limites do mais amplo igualitarismo. Essa falta absoluta de pendores aristocráticos, na formação gaúcha, ao lado de uma completa indiferença pelos títulos de fidalguia, são fatos facilmente explicáveis pelo que nós há de específico, sociologicamente falando. O espírito rio-grandense, desde logo impermeável à ostentação, teria que tolher todos os surtos ascensionais ou diferenciativos. Quem percorre os inventários e testamentos dos charqueadores rio-grandenses geralmente abonados, pode, fazer uma idéa das suas inclinações democráticas, manifestadas principalmente na prodigalidade de favores aos menos afortunados.

Poder-se-á dizer ainda que ao reconstituir a organização das charqueadas e pesquisando constata logo os seus traços patriarcais, menos marcados do que os das estâncias, mas igualmente numerosos. Se a fazenda criou um tipo social, de acentuado clanicismo, com profusões e sólidas articulações agremiativas, a charqueada, com a sua faixa mais intensa e concentrada, com a sua escravaria e relações comerciais de grande vulto, determinou um estilo de atividade em contraste saliente com o das entidades rurais.

Os saladeiros do século XVIII não passavam certamente de aglomerados heterogêneos, sem o menor vislumbre de organização, confundindo-se não raro com as "vazarias". O início do Oitocentismo trouxe um novo ambiente para as iniciativas desse gênero. Com o correr do século XIX, segundo vimos, as charqueadas foram naturalmente se aperfeiçoando, a tal ponto que ao tempo de Saint-Hilaire muitas havia em plena fase de mudança evolutiva. A razão estava em que a compreensão do valor do charque se ia generalizando.

Ficou bem certo que a charqueada equivalia a um agrupamento ecológico, de solidíssimo arcabouço. Viu-se também o seu caráter societário. Vejamos agora qual o seu sistema funcional, para melhor ser apreciada a figura do charqueador em sua interessante personalidade. Cabe lembrar, de início, que todas as instituições são de algumas formas organizadas socialmente. Essa é a essência dos fenómenos coletivos. Em todos os períodos do desenvolvimento de uma so-

cidade ou comunidade, os elementos materiais e as respectivas ramificações procurarão sempre um ponto comum de contato, de vez que a fenomenologia social se processa através de relações e comunicações consuetudinárias, contribuindo estas, de maneira decisiva, para a modelagem das mais diversas de organização institucional.

Das instituições sociais, disse Bernard que são os modos e processos pelos quais os indivíduos se conduzem coletivamente. Hayés, apoiado em Sumner, destaca o fato de que uma instituição social representa essencialmente uma norma sistematizada de conduta coletiva, calcada em necessidades imperativas ou defluentes da experiência conjunta de cada dia.

Tornar-se-á, assim, mais compreensível a estrutura das charqueadas, se considerarmos as diversas etapas do seu crescimento. Segundo se nos afigura, causas várias, entre as quais as competições fronteiriças, retardaram a organização do charqueado em bases verdadeiramente industriais. Os primeiros saladeiros, simples ensaios experimentais, com muito de rusticidade e improvisação, se fundaram pelo litoral, à margem da estrada de ligação entre Laguna e a Colônia do Sacramento, estendendo-se mais tarde às alturas de Viamão e Gravataí. O brigadeiro José da Silva Pais, entrando à barra do Rio Grande, verificou a existência de alguns estabelecimentos beneficiadores.

A colonização açoriana, que se inicia em 1748, nada iria representar no desenvolvimento do charqueado. Os filhos, de longa data afeitos aos amanhos agrários, apoiando no extremo-sul, não tardaram a dividir-se entre a agricultura e a pecuária. Disso adveio um certo número de conseqüências dignas de ponderação. A mais importante foi provavelmente o vigoroso impulso dado à triticultura, destinada a ser, no século XVIII, ao lado do pastoreio, a coluna mestra da economia rio-grandense, sobretudo após a substituição das mós de madeira pelos chamados moinhos de vento. E, novamente esclarecedora a estatística divulgada por Sebastião Ferreira Soares. Antes do aparecimento da ferragem, por volta de 1811, a exportação anual de trigo ascendia a cerca de 460 000 alqueires. Irremediavelmente perdida a lavoura tritícola e frustradas todas as tentativas para reabilitá-la, parece que a indústria saladeiril ganhou novo ímpeto, não só pelo aumento de mão de obra disponível, como, sobretudo, pelo declínio da manufatura de surrões utilizados no acondicionamento do grão e da farinha.

Há uma feição interessante do assunto

que se deve salientar: devendo ser embrocado todo charque destinado à exportação, o preparo de sacos de couro concentrou-se nos saladeiros, a ponto de possuírem alguns deles dezenas de trabalhadores, em geral índios ou negros, especializados nesse mister.

Admitido o fato de que o H. Afer desempenhou relevante função no mecanismo das charqueadas, surge a questão de saber até onde foi o seu concurso. Se pudésemos sintetizá-lo em poucas palavras, diríamos: foi essencial e não apenas supletivo ou adicional. Não se concebe como se possa afirmar o inverso. A massa obreira dos saladeiros era composta, em sua maior parte, de pretos escravos, índios e mestiços, como é facilmente documentável. Alguns mesmo tinham maior percentagem de negros. Só à medida que os elementos escuros se libertam é que se efetua a clarificação da peonagem. Saint-Hilaire cita o caso de uma charqueada servida exclusivamente por gente de cor. Embora não existam à mão 'informações suficientes, pode-se presumir que não seria a única em tais condições. Por outro lado, pode-se igualmente presumir que houve verdadeiras senzalas nos bordos dos saladeiros, excluindo elevado grau de relações entre os seus ocupantes e os moradores do território circundante, de modo que teria havido, em escala apreciável, contatos genésicos. O tipo senhorial rio-grandense, fazendeiro ou charqueador, foi muito menos marcado do que o pernambucano ou fluminense, mas em torno dele houve também algumas das ocorrências demopsicológicas e culturais encontráveis nas áreas de civilização açucareira, maciçamente escravocratas e patriarcais. Lá havia o capataz ou o filho do senhor a infiltrar-se entre o fêmeão cromatizado. Lá, entre a casa-grande e os alojamentos senzaleiros havia, todo um regime de contatos e interações estruturados, expresso muitas vezes em formas e agências assecuratórias de um ajustamento de grande significação psicológica e antropo-social.

Aqui houve, "mutatis mutandis", o mesmo fenômeno. O estancieiro e o charqueador, com a sua família geralmente numerosa e a sua propriedade latifundiária, estribada no trabalho de dezenas de pessoas, colocadas face a face, criaram um estalão existencial tão rico de aspectos sociológicos como o da monocultura do açúcar e tão ligado, como esta, à prole e ao parentesco.

Analisando mais de perto a situação das charqueadas, vê-se que não foram de uma só espécie, conquanto inter-relacionadas até certo ponto. Classificando-as,

poderíamos começar, indiferentemente, pela organização ou pela funcionalidade. O melhor, no entanto, será começar pelas diferenciações estruturais, tendo-as em mente que se acentuaram sensivelmente a partir de 1545. Poucas transformações do Rio Grande, foram tão importantes quanto as que se verificaram na indústria saladeiril no período de apogeu-guerra. Sem dúvida que essas transformações se originaram, maiormente, pela fatalidade do progresso, mas há que se atentar no fato de que o processo evolutivo não se opera arbitrariamente. Qualquer transformação generalizada exige, pois, um ajustamento institucional. Como acentua certo sociólogo, existe mais que uma simples identidade verbal entre as palavras comunidade e comunicação. A vida social, com efeito, depende muitíssimo da transmissão e da circulação. Os grupos segregados evoluem com extrema lentidão. É acerto dizer-se que o melhoramento da barra do Rio Grande, por si só, influiu poderosamente no aceleramento do progresso rio-grandense.

Sob certos aspectos, é considerável a relação entre a transformação das charqueadas e a intensificação dos meios de transporte.

A lei de 13 de Maio de 1888 modificou radicalmente a fisionomia dos saladeiros. A atividade saladeiril teve que converter por novos rumos e isso em proporções muito maiores do que ordinariamente se supõe. Vamos, pois, examinar os primórdios e a evolução das charqueadas à luz do exposto. Teremos de começar naturalmente pelo século XVIII, passando em revista, a seguir, os saladeiros de Jacuí, após o que faremos o estudo da área mativamente saladeiril surgida às margens do São Gonçalo e tributários.

A influência da Colônia do Sacramento na constituição das primeiras charqueadas rio-grandenses foi muitíssimo maior do que vulgarmente se tem julgado. Antes de entrar na demonstração desta verdade, é conveniente e oportuno um reparo. Quando dizemos charqueada rio-grandense estamos excluindo implicitamente os estabelecimentos jesuíticos, os históricos Sete Povos, que vieram a se constituir em pedras angulares de uma grande civilização indígena-teocrática, fundada à margem da formação gaúcha propriamente dita e só absorvida por esta após dois séculos de marcha.

Até hoje, não nos foi possível apurar a origem do saladeirismo rio-grandense. De nós, entretanto, devemos dizer que ela se sincroniza com o comércio de tropas entre o Rio da Prata e São Paulo. Assim como muitos já teriam as suas estâncias antes da ocupação militar do

Rio Grande, em 1737, outros muitos já estariam estabelecidos como salgadores de carne, ao sul e ao norte da Barra. Da Colônia do Sacramento, sempre ameaçada e intranquila, teriam vindo numerosos povoadores antes daquele ano, estabelecendo-se no recôncavo, numa ousada antecipação aos expedicionários da "frota" de João de Magalhães, que remontaram o Jacuí até os limites missioneiros, campos a dentro, na procura de riquezas jacentes, primeiro e depois na captura de gados e muezes.

Foi a necessidade de defender, de modo efetivo, o caminho entre Laguna e a Colônia do Sacramento, desde logo frequentadíssimo pelos tropeiros, que inspirou a expedição de João de Magalhães, em 1725. Foi ainda a ameaça à passagem de tropas das campanhas platinas para o interior do Brasil que determinou as primeiras medidas da Metrópole relativamente ao território rio-grandense.

Dada, pois, a importância dessa estrada, como escoadouro natural da imensa riqueza pastoril existente no campo, não é de estranhar que fosse ela, desde logo, preferida pelos estancieiros e charqueadores.

Essa preferência teve o mérito imediato de originar um núcleo fundamental de povoadores ao longo da importante artéria, desde logo ameaçada pelos espanhóis e indígenas. Até então, a presença de homens brancos na região tinha um só objetivo: a arrebanhada, tão ocasional quanto transitória. A ocupação dos campos era, assim, efêmera e irregular, durante apenas tempo necessário à formação das tropas ou ao encerramento das mesmas, na época invernal. Da documentação da época se evidencia nitidamente o caráter precário desses arrebanhamentos.

A charqueada, pois, seria desde logo uma base de radicação demográfica, fixadora de soberania, nas terras extensas, exploradas tão somente pelos tropeiros no regime acidental dos pastores e currais. Não pode haver dúvida que, a partir de 1725, ano que marca a descida dos lagunistas, o charqueado adquiriu notável desenvoltura, atraindo importantíssimo contingente. As insistentes recomendações do governo para o povoamento da terra e a extrema facilidade na obtenção de gado rebanhão foram, realmente, poderosos incentivos nessa quadra da existência rio-grandense. Caracterizam-se por essa forma dois períodos distintos na fase inicial do saladeirismo rio-grandense. O primeiro abarca os tempos anteriores ao Presídio, apresentando-se os saladeiros como tentativas isoladas e dispersas. O segundo é o período da organização

definitiva das charqueadas como atividade industrial.

Com a multiplicação dos abatedouros, criava-se uma nova e abundante fonte econômica e rasgava-se ampla perspectiva nos negócios de gado. O Rio Jacuí seria para eles um magnífico ponto de entrecruzamento. As condições naturais que determinaram a concentração das charqueadas nas suas margens, entretanto, não se limitam unicamente à geo-economia. Porto Alegre, já naquela época, era um grande centro consumidor e um ativo embarcadouro. Rio Pardo, Santo Amaro, Triunfo, Cachoeira e outros povoados, a partir dessa conglomeração, entraram a atrair novas levas de moradores. Não seria dado oferecer mais frutuoso exemplo dessa asserção do que Rio Pardo. De simples aldeola, uma vez erigida em núcleo saladeiril, prosperou rapidamente, tornando-se, durante certo tempo, a segunda cidade da Província, tronco, também, de todo um sistema aglomerante e conectivo de trabalho especializado.

Assim é que os rio-pardenses puderam ser, no apogeu do saladeirismo às margens do Jacuí, uma área cultural só inferior à de Porto Alegre, levantando casarões de aparência solaranga, organizando um comércio de tendências burguesas e inclinando-se aos requintes e refinamentos de uma sociabilidade verdadeiramente admirável para o tempo e para o meio. A única coisa que desse esplendor nos flocos foi a linha nobre de algumas residências senhoriais, muitas das quais põem no aspecto atual da cidade uma nota arcaizante.

É de uma evidência palmar a decadência dos saladeiros jaculenses a partir de 1835. Com os estertores da revolução coincidem os últimos bruxoleios da sua antiga grandeza. Quase nada conseguiu sobrenadar a derrocada. O exame detido do assunto leva à convicção de que as dificuldades do Canal de Canguçu muito contribuíram para isso. A quem observe os fatos com atenção não passará desapercibida, no entanto, a concorrência das charqueadas pelotenses, mais próximas do mar e portanto mais acessíveis às embarcações.

No paulatino empobrecimento e final declinação das charqueadas do Jacuí, é difícil dizer que aspecto mais impressionante: se o êxodo das suas populações, se o descalabro da sua vida econômica, se o arruinamento das suas vilas e cidades.

Posteriormente à Revolução, Pelotas surge como o elemento nuclear de uma grande e movimentada área saladeiril, fundamentalmente escravocrata. Ainda

hoje quando se fala nas charqueadas pelotenses de antanho a primeira idéia que ocorre é a de gigantescos açodouros e galpões produzindo milhares de toneladas de charque por ano. Tanto nos salgadeiras situadas às margens do São Gonçalo, como dos situados às margens do Piratini e do Pelotas, existem numerosos documentos, pelos quais se pode assentar como realidade irrecusável que possuíam vastas instalações e dependências, supridas por grande número de utensílios, tendo alguns deles tentado a indústria de "caldes concentradas" e "extractum carnis". Também é preciso que se tenha em mente que as charqueadas pelotenses, em sua quase totalidade, abrangiam dilatado perímetro, desde uma légua em quadra até uma sesmaria, aproximadamente.

Ademais, não foi por mero acaso que Pelotas chegou a ser o maior centro urbano do Rio Grande. Não há necessidade de insistir na importância do deslocamento dos carneadores do Jacuí para o São Gonçalo. Basta acentuar que ele abriu caminho à objetivação de um grande centro saladeiril no município de Pelotas, concorrendo para o rápido progresso deste. Na realidade, a vila de Pelotas foi das que mais lucraram com esse acontecimento. Se havia uma concentração urbana na Província que reunia todos os requintes para um grande núcleo de trabalho essa era Pelotas. Para isso contribuía particularmente a sua magnífica situação geográfica. Dentre as obras de suma raridade, em que há referências ao Rio Grande da primeira metade do século XIX, destaca-se a de José Saturnino da Costa Pereira, intitulada "Dicionário Topográfico do Império do Brasil". Editada em 1834 no Rio de Janeiro, traz sob o nome do autor o seguinte dístico: "Oficial Engenheiro e Senador do Império, natural da Província do Rio Grande do Sul". Escrevendo sobre a vila de Pelotas, observou ele: "O porto da vila he frequentado por grande numero de Hlites, que carregão avultadissimas porções de trigo, carnes, cebo e couros para a villa de São José do Norte, onde são recebidos em sumacas que exporão estes e outros generos para todos os portos do Brasil e alguns Bargantins para a Europa, America do Norte, Asia e Africa."

Quanto aos processos usados pelos charqueadores não faltam alguns informes curiosos a respeito. De Saint-Hilaire que, falando do saladeiro de Antônio José Gonçalves Chaves, um dos maiores da época, refere-se apenas aos varais e ao tanque de salga até Nicolau Dreys, Alexandre Baguet, Fernando John Luccock Denis, Charles Moré e tantos ou-

tres viajantes que em suas obras não regateiam dados sobre a matéria, medeia todo um amontoador de depoimentos esparsos e impressões.

Há uma feição das charqueadas originárias que deve ser desde logo salientada: o elementalismo e a insignificância das suas instalações, sobrepondo-se a tudo. Será útil lembrar mais uma vez. À vista do que foi até aqui explanado, que o saladelirismo começou informemente, como sói acontecer com as células germinais, desdobrando-se mais tarde sob o influxo de agentes coercitivos e seletivos. Os primeiros saladeliros, assim, seriam extremamente simples e toscos, não passando, às véses, de meros felhetos circundados de varejões sujos dos por estactos. O abate fazia-se em pleno campo, expostando-se as reses pelas articulações. O transporte das mantas era feito em mulas brauqueiras.

Com a valorização do charque e o aumento progressivo da sua exportação, muitas estâncias serviram de sede para novos estabelecimentos, segundo se vê dos documentos, aumentando desse modo o reduzidíssimo número inicial, entrando o abtimento em franca expansão, e lançando mãos os industrialistas de novos equipamentos, inclusive plataformas e roldanas. Nas charqueadas do começo do século XIX, que mereçiamos terem sido já de vastas proporções e apreciável índice de produtividade, será possível encontrar, ao lado das suas edificações essenciaes, ainda outras que talvez servissem de senzalas e tulhas, repartidas em laçoas. A semelhança dos "quadrados" encontrados nos latifúndios moenciteros do Nordeste.

Tiveram elas os seus mestres, soto-mestres, feitores, ensaiadores, cangaiberos, magarefes, graxeiros e tantos outros especializandos nas operações e manobras da carne seca.

A completa harmonia entre todos os trabalhadores das charqueadas, revelada pelos textos arquivais, foi a razão do ambiente democrático que nelas se observa. Nada se encontra nos documentos que denuncie ter havido, mesmo excepcionalmente, em qualquer delas, o mais leve vislumbre de distinção. Os próprios feitores e mestres jamais demonstraram zelo pelas suas atribuições hierárquicas, sendo quase todos ões rudes peões, ões mais plebeus quanto à extração.

Com isso, é certo que os saladeliros foram, como as estâncias cõitales de democratização, tendo a seu crédito o grande mérito de haverem sido também núcleos de aglutinamento social, recrutando os

elementes dispersos nos campos e no epíclio das povoações.

Um acontecimento que trouxe para as charqueadas não pequenas consequências foi, sem dúvida, a adoção do guindaste. Muito embora já se haja falado e escrito sobre a questão, não nos consta que alguém a tenha estudado. Em meio ao século XIX o uso do guindaste se generalizou, não obstante o conservantismo de certos charqueadores. Com õle as charqueadas ganharam, a bem dizer, se não uma maior capacidade produtiva, ao menos o aperfeçoimento das suas carnes. A evolução ões saladeliros, até 1900, terminou af. O que viria depois, até a actualidade, seria um novo tipo de estabelecimento. Não seria demais afirmar que o guindaste subverteu os costumes típicos das charqueadas de tal forma que elas deixaram de ser simples trabalho de corte e salga para adquirirem carácter e amplitude de verdadeiras organizações industriais. O que nos interessa pôr em incidência, neste passo, é a influência que õle exerceu sobre o reajustamento estrutural das charqueadas. Não é fácil hoje determiná-la. Contudo podemos generalizar que foi a mais ampla imaginável. Estabelecido isso, continuemos. Procurando sintetizar as diferenciações de estrutura encontráveis nos saladeliros continentais, verifica-se o seguinte, em ordem de subsequência: até 1800, dividiam-se em duas categorias, isto é, ou se limitavam ao simples charqueado, pelo processo elemental de carneação ao ar livre ou aproveitavam, também, parte dos subprodutos e resíduos, mas conjuntamente, sem nenhuma preocupação discriminadora; de 1800 a 1835, dada a valorização das graxas, candelas, cinzas de ossos e quejandos, foi adotada uma espécie de critério classificador, quanto aos produtos subsidiários, diversificando-se os estabelecimentos pela maior ou menor atenção dispensada ao seu preparo e comércio; após a Revolução farroupilha, a diversificação se processou num sentido digamos técnico, consonante a natureza da aparelhagem introduzida nos diferentes centros produtores.

Em algumas charqueadas da fronteira, a derrogação dos hábitos antigos não se fez senão muito lentamente. Sobretudo o modo de matar o gado evoluiu a passos tardos. Época houve — isso pelos começos do século XIX — em que a matança, em pleno campo, constituía verdadeiro esporte e divertimento, afirmando-se o gauchismo òes peões em correrias e manobras arriscadas. Ao contrário do que aconteceu com os saladeliros pelotenses, a produção õesses estabelecimentos, por isso mesmo, baixou bastante a partir de

1845 e a datar de 1850 sofreu severas reduções. Pode-se dizer que a sangria em campo aberto, de uma maneira geral, persistiu até tarde. Consta essa prática no seguinte: recolhidos a um curral os novilhos destinados ao corte, um peão a cavalo atraía um dêles, agitando um pano vermelho, enquanto outro, nas mesmas condições e armado de uma lança comprida, com ferro em meia-lua, galepava ao encalço do animal, cortando-lhe o jarrete. Em certos lugares, um peão, depois de laçar o boi na manguelra, saía com êle para o campo aberto, obrigando-o, em dado momento, a resistir, reteçando o laço. O instante era aproveitado por outro, que lhe cortava a articulação das pernas. Em ambos os casos, depois de jarreteados, os bois permaneciam dispersos pelos campos à espera dos sangradores e magarefes. É de todo importante que se frise aqui a rapidez com que as charqueadas pelotenses evoluíram. Já no tempo de John Luccock muitas delas apresentavam visível adiantamento. Falando da sede de uma, escrevia êle: "É' muí de vê-la tôda branca, cercada de lindos bosques". Em seu trajeto para o sul da Província, o viajante inglês teve ensejo de ver numerosas saladeiras. Alguns possuíam capelas. Outros tinham em torno uma série de moradias. Os alpendres de salga, revestidos internamente de folhas de butifá, denotavam certos escrúpulos higiénicos, e mesmo acontecendo com os depósitos de charque. O aproveitamento dos subprodutos era rigoroso. Os ossos, miódos e extremidades, fervidos numa grande caldeira, destinavam-se à preparação de graxa, que, depois de pronta, era acondicionada em bexigas e intestinos grossos. O peritônio e outras partes sebáceas eram socados para a obtenção do sebo. De longe em longe, pelas proximidades das charqueadas, verdadeiros montes de ossos, disputados por urubus e cachorros e às vêzes até mesmo por onças. Com menos freqüência, montículos de cal resultante dos ossos reídos. A salmoura usada servia para o tratamento das línguas e costelas.

Convém não esquecer que já naquele tempo as saladeiras pelotenses dispunham de guindastes. Os bois, preliminarmente, eram impellidos através de um corredor construído sobre uma esplanada elevada. Laçado um dêles, a extremidade oposta do laço era atada fora do recinto, num cabrestante acionado por uma trinqueta sob o controle de dois negros. Assim o animal podia ser facilmente encestado à cerca, onde um peão o imobilizava, introduzindo-lhe uma faca nas primeiras clavículas cerebrais. Isso

feito, e guindaste o suspendia, conduzindo-o ao telheiro da carneação todo laçado.

Não esqueçamos também um detalhe interessante observado por John Luccock e que foi não apenas uma nota característica das charqueadas pelotenses mas um uso geral. Referimo-nos ao sino de rebate. À menor ameaça de chuva iminente, o capataz o fazia vibrar, convocando os peões para o recolhimento das carnes expostas, que eram imediatamente retiradas dos varais e amontoadas em grandes tubos oblongos, cobertos de couros.

Estamos que a indústria saladeira às margens do São Gonçalo, durante a segunda metade do século XIX, pode assinalar-se por um caráter econômico-social deveras interessante. No que concerne ao suprimento de braços, uma coisa se pode logo verificar: a influência dos elementos escuros. Não é mister fazer praça de numerosos testemunhos para comprovar essa assertiva.

O estudo sereno do assunto leva à certeza de que o H. Afer desempenhou magno papel na marcha da civilização rio-grandense, marcando com a sua influência, um grande período histórico: o das charqueadas. Noutros termos, podemos afirmar que o negro entrou na sociedade branca menos pela estância do que pela charqueada. Naquela, a sua necessidade se evidenciou sobretudo na pequena manufatura caseira. Essa verdade não comporta redarguição. Por outro lado, os estudiosos são acordes em reconhecer quão importante foi a presença do africano nos núcleos urbanos. Saint-Hilaire viu, em Rio Grande, diversos negros ocupados em desobstruir o contorno de casas quase invadidas pelas areias. Entretanto, o característico mais saliente de sua atuação reside no trabalho saladeira. Chegou a formar-se nas charqueadas um verdadeiro proletariado negro. Deve haver engano da parte de Saint-Hilaire quando, estudando a vida dos saladeiras, escreve que os escravos eram tratados com excessiva dureza. Naturalmente, a situação dos cativos nas charqueadas diferia muito da que se observava nas estâncias. A diferença é por demais nítida para não ser vista. O que cumpre ressaltar é o seguinte: sendo os negros das charqueadas em grande número, procedentes de vários pontos e além do mais cheios de vícios, como não diz o próprio naturalista francês, tornava-se necessário tratá-los com mais severidade.

A entrada de elementos áfricos nos saladeiras remonta ao último quartel do século XVIII e experimentos durante o

Oitocentas freqüentes alternativas. A curva estatística de tais variações, representada diagramaticamente, daria uma curva sinuosa, pontilhada de quedas súbitas e bruscas ascensões.

O contrabando de negros para o Rio Grande fêz-se desde os meados do Setecentismo. Momento houve em que assumiu grandes proporções. Terminado em 1816 o comércio lícito da mercadoria humana, o tráfico clandestino para cá adquiriu caráter mais geral, estabelecendo-se, desde logo, três importantes valongos, no Albardão, no Estreito e no local onde hoje está o Fovo Novo, defronte à ilha então chamada do Ladino, onde os navios negreiros, na calada da noite, despejavam a sua carga viva. É preciso que não nos esqueçamos disto: esse contrabando deu origem a outro sob vários aspectos nocivo à economia rio-grandense. Escravos, arrebanhados na costa da África ou mesmo no Brasil, eram embarcados com gulas para o Rio Grande, mas levados a Montevídeo e Buenos Aires, onde eram trocados por charque, couro, alho ou trigo, produtos esses que eram embarcados para as diferentes praças do país como provenientes do extremo-sul, graças a despachos falsos.

Dentro das circunstâncias específicas do trabalho saladeiril, o negro sofria, em curto espaço de tempo, a mais completa mudança, pois vinha encontrar um mistério até então desconhecido para ele. O total de escravos existentes em 1833 nas charqueadas de Pelotas elevava-se a 6000, afóra os pardos livres em grande número. (Documento do Arquivo Municipal de Pelotas.)

Não foi apenas nas estâncias e charqueadas que o negro demonstrou a sua ductibilidade, a sua tendência à pronta capacitação. Ele contribuía grandemente, como já notamos, para o operariado cidadão, abraçando as mais diversas profissões, sendo alfaiate, latoeiro, carregador, etc. Não escapou a diversos visitantes essa facilidade de profissionalização. No interior, no entanto, é onde ela pode ser apreciada melhor. O preto descobriu-se em tarefas as mais díspares. Soube ser bom carreteiro e seguro condutor de tropa. Mesmo no âmbito de ação das charqueadas, a sua flexibilidade se patenteou incontinenti, revestindo as formas mais divergentes, desde os misteres domésticos até o serviço de balsas no São Gonçalo. No interior das casas-grandes residenciais havia sempre um molete de 10 a 12 anos, cuja função principal consistia em prestar pequenos serviços.

A travessia do São Gonçalo não era

fácil, nem mesmo no Passo dos Negros, o mais praticável. Na época das matanças grandes cercados eram construídos águas adentro, até a distância permitida pelo varadouro natural, sendo necessário, daí em diante, o emprego de grandes balsas. A passagem das tropas, nessas condições, requeria fatigante trabalho, distinguindo-se sempre o escravo pela sua indefesa atividade. O recolhimento da "pegagem" também era feito por negros.

A habilidade instintiva do preto encontrou, de fato, vasto campo no perímetro das charqueadas. Coube-lhe ser, entre outras cousas, o melhor estaqueador de couros. Podemos aprender a importância desse fato sabendo que do modo de estaquear e dobrar o couro dependia o seu preço. Não podemos ainda fugir a uma observação. Saint-Hilaire, em seu livro, registra esta informação: "Quando querem intimidar um negro ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande". A nós ela nos parece descabida, mesmo levando em consideração a frase que se lhe segue, com efeito quase revengatório. É fato provado que mesmo nas charqueadas, os negros recebiam tratamento benigno, enquanto necessariamente severo e atreito a certas disposições disciplinares. Neste ponto, outro reparo impõe-se. Uma ocorrência banal, ao viajar pelo interior da Província, fêz o sábio gaulês laborar num crasso erro de observação, atribuindo aos negros uma subserviência inexistente até mesmo entre os minas, tribo superior a todas as outras em questões de mansidão e fidelidade.

O alheamento em que eles viviam era um corolário da sua situação servil. A sua significação era apenas numérica. A simples evocação dos fatos, aliás, bastaria para destruir a ilusão do ilustre memorialista. Sobejavam-lhes coragem e decisão. Nicolau Dreyx chamou-os, mesmo, de sulcos da América. Arregimentados nas charqueadas de Pelotas e outros pontos, os escravos formaram, durante a cruzada farrapa, um bem organizado e aguerrido corpo de lanceiros, classificado de "incomparável" por Garibaldi. No rebote de Perengos, os mortos de cor totalizaram 80 % das baixas sofridas pelos pratinenses. No entrevêdo de Camaquã foi um negro que, de fato, decidiu da sorte dos farroupilhas, como transparece limpidamente dos textos arquivais.

Cumpre dizer, ademais, que o sentimento de liberdade dos negros, para cá trazidos, exteriorizou-se em duas revoltas bastante significativas.

Apontados os aspectos principais do grande fenómeno histórico que a charqueada representa, no quadro geral da formação gaúcha, estamos agora habilitados a destacar com maior rigor alguns d'elles. E' fato de fácil conhecimento que a abolição muito contribuiu para a decadência dos saladeiros, já então afetados por um conjunto de factores tão complexos e variados que não podem ser explicados conjuntamente. Além da abundância do gado e do valor do charque, como objecto de commercio, há muitas outras razões para explicar o extraordinário desenvolvimento da industria saladeira. Não se deve, porém, subestimar o incitamento mesológico. Urgiria, mesmo, considerá-lo de modo mais particularizado. Diversos autores têm sido levados a considerá-lo, nesse particular, o concurso decisivo do escravo. E' óbvio que sem a condijação do negro as charqueadas não teriam assumido as proporções de todas conhecidas.

No que se refere particularmente aos saladeiros pelotenses, há a considerar, desde logo, a presença do H. Afer. Tudo induz a crer que o trabalho servil se apresenta intimamente associado à crescente prosperidade de Pelotas no século XIX. Se é difficil precizar o número de cativos entrados no Rio Grande, é quasi impossível fazê-lo no caso especial das charqueadas. Não é de crer, todavia, que foi diminuto. Tudo, mesmo, permite acreditar que superou os níveis comumente estabelecidos. Não é difficil encontrar nos documentos detentistas a citação de escravos, de distinguida procedência africana. E' de se presumir que os primeiros representantes da raça camilota surgidos nas charqueadas vieram do Prata. E' igualmente de supor que o seu número não tardou a aumentar. Neste ponto, colocamo-nos ao lado dos que consideram vultuosos os primeiros carregamentos oriundos do norte.

Pelo que dizem as estatísticas officiaes, entre os 42 115 habitantes do Porto Alegre, em 1855, encontravam-se 11 224 negros e pardos. Isso para só referir os da capital. Se nos detivermos um instante nos dados disponíveis, observaremos que a população escrava aumentou incessantemente até 1855, começou a decrescer durante a Revolução e atingiu o seu ponto máximo de declínio por volta de 1852, ano em que as manumissões montaram a mais de 13 000.

E' fora de dúvida que o Tratado de Ponche Verde multissimamente concorreu para esse decréscimo. Lêsse em sua cláusula 4: "São livres e como tale reconhecidos todos os cativos que serviram a revolução". Deve ser lembrado, também, o pa-

pel das sociedades manumissoras. 86 num ano elas conseguiram alforriar cerca de 40 000 negros. Uma estatística, divulgada em 1854, accusava a existência de 62 000 escravos no Rio Grande. Note-se que escrevemos escravos e não negros. Esse total é muito illustrativo, sobretudo levando em conta o grande número de alforrias até então concedidas. Do ponto de vista do saladeirismo, o aspecto mais interessante a sublinhar é a distribuição especial de tão grande contingente. Não será talvez forçado concluir que a maioria se achava distribuída pelas charqueadas pelotenses. Estas, com o aumento das libertações e o fechamento definitivo da matrícula em 1837, começaram a desorganizar-se, umas lentamente, outras de maneira mais rápida, mas todas de modo irremediável. A taxaço exorbitante censilui outra causa dessa mutação. Não se tratava de uma mera questão fiscal. Os impostos excessivos eram o reverso de uma situação politico-administrativa, vinda dos primórdios históricos da Província. Podese assegurar sem receio de contestação que o Rio Grande foi sempre uma das Províncias mais sacrificadas. Polônia do Brasil, chamou-o alguém com muita propriedade. O que fêz surgir o 29 de setembro foram, em grande parte, os constantes sacrificios impostos ao povo continental.

Cabe aqui ligeira observação sobre o estado geral da Província no momento da rebelião, fadada a ser um dos mais gloriosos movimentos republicanos do Brasil. O descontentamento contra o Centro era mais forte do que em geral se pensa nos dias do advento da Revolução, principalmente pela ganância desmedida do fisco imperial que anuviava as rendas provinciaes, incidindo com particular rigor sobre os productos básicos como o gado, o charque e o couro. Atravessava o Rio Grande no momento em que Fernandes Braga encetou o seu governo um período depressivo que vinha se agravando desde a desastrosa campanha de 1837. O ato da primeira Assembléa Provincial, criando o imposto de 103000 por légua quadrada de campo, fêz com que o espirito público, já exaltado, entrasse em franca combustão.

Deve ser lembrado que causas mais profundas e distantes que as geralmente apontadas vinham, há muitos anos, preparando o surto revolucionário. Veremos oportunamente algumas d'ellas.

Altamente interessante e digno da mais atenta análise é o fato de que durante a Revolução os charqueadores platinos conseguiram suplantiar os seus competidores rio-grandenses em quase todos os mercados, aproveitando-se do estado

ruinoso em que os acontecimentos se precipitaram quase bruscamente. Depois da pacificação, a carestia de gado, os impostos suffocativos e as incessantes alforrias como que se conjugaram para consolidar essa esplandidez. Os grandes saladeiristas superstitiosos, inibidos de qualquer reabilitação em grande escala e desapercebidos de um sustimento total da crise, enveredaram por ramos derivatórios e revulsivos, sobretudo os de visão mais larga, de tom de Vasco Pinto Bandeira e Manuel Pereira Ubatuba, que não se demoraram a fabricar cordas de cabelo, toucinho, presuntos, conservas, veias de sêbo, pentes de osso, sêbo em pães e outros produtos de ampla aceitação barbafora. São de Domingos Araujo e Silva e escritas em 1865 as palavras que se seguem: "O Município que mais se aplica a estes productos é o de Pelotas, que exporta para a capital e o excesso de seu consumo, exportando em grande quantidade o sêbo em pães para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco".

Poucos persistiram no preparo exclusivo de charque, convencidos de que se conseguissem um novo processo de conservar as carnes salgadas exportadas para a Europa e os Estados Unidos, em viagens de longo curso, poderiam em parte concorrer com os produtores uruguayos e argentinos. Muito vulgarizada entre os estudiosos é a crença de que estes charqueadores não tardaram a transferir-se para a fronteira sul, a fim de melhormente se abastecerem de gado espiatino. Já em 1855, segundo Charles Moré, muitos dos principais carneadeiros da Província se achavam em Jaguarão. A respeito dessa deslocação é interessante assinalar que multissimos a favoreceram o convênio uruguayo-brasileiro de 1845, por força do qual os productos saladeiros importados da Banda Oriental ficaram equiparados aos similares rio-grandenses. "Foi então — escrevia o "Brado do Sul" em março de 1855 — que se ordenou pela lei do orçamento de 1845 que ficassem iguaes aos productos do Rio Grande os efectos importados da república vizinha pela Lanza Mirim; e a consequência foi que os mais próximos lugares da mencionada lancha se povoaram de charqueadas mantidas por careamans, orientais e franceses que correram a aproveitar-se da barateza em que o gado se achava naquello Estado pelas guerras intestinaes e pelo impeto da fronteira estabelecida por Orizé".

Pode-se ajustar que a celebre tarifa de 1857 agravou consideravelmente a situação. O ponto a destacar aqui é o de que, a despeito de todas as circunstâncias adversas, o saladeirismo pelotense

manteve a sua supremacia; em 1853, segundo o "Jornal do Comércio" do Porto Alegre, o termo de Pelotas possuia ainda nada menos de trinta abate-douras.

Vicente Wenceslas Gomes de Carvalho foi o primeiro a produzir extratos de carne. O mineirologista O. Von Földner, quando de sua passagem por Rio Pardo em 1810, teve ensejo de visitar demoradamente a sua fábrica, cujas lixívas eram fermadas por coques de boi. Mostrou-lhe o "cirurgião Vicente" uma opinião de que extrata a cochonilha e um grande depósito de salitre.

A industria, pelo seu caráter inovador, não tardou a prosperar, atrahido, ao mesmo tempo, a atenção de Mauá que nela vislumbrou amplas perspectivas, com o seu gênio pragmático de autêntico saint-simonista. A intensificação do comércio entre o Brasil e a Europa, proporcionando nos productos nacionais maior e melhor aceitação nos mercados transatlânticos, teria servido de estímulo aos subsequentes fabricantes.

Se fosse possível verificar com exatidão o derrocamento do saladeirismo no período posterior a 1845, estaríamos em crer que é surpreendente a mais de um. Salta à evidência, desde logo, o effeito derrocador da carestia de gado. Paralelamente, pôde-se observar o desajuste social-econômico daí resultante. Quando nasceu a industria saladeira, os rebanhos excrecentes constituíam quase uma riqueza desatendível esparzida pelos campos desabrilizados, onde a mais valia não poderia se impor. Foi particularmente por esse motivo que ela conseguiu prosperar. "Abandonada a cultura do trigo — escreve Domingos de Araujo e Silva — era necessário que um outro ramo de exportação fosse iniciado, e aquelle que prometia mais vantagens era indubitavelmente a carne sêca, cuja matéria prima abundava nas estâncias..."

Não será mister consultar muitos documentos para ver que a Revolução contribuiu de modo considerável para a consunção das manadas sêcas, fazendo com que o antigo contempo se transformasse em alto aprêço. Muito charqueador bancarroteiro foi ser invernal. Pode supor-se, mesmo, que o fato nada tem de exepitivo. O fato do hábito de deixar o gado em pleno campo se haver modificado rapidamente, a partir de 1845, seguindo-se-lhe, em sentido paralelo, a disposição de vigiá-lo em pastos extintivos, ilustra, como nenhum outro, a evolução que apontamos. Muito esclarecedora dessa evolução é também a rápida propagação das cercas. Não podemos nos esquecer que ela dá relêvo ao fenômeno da valorização do gado.

Recapitulando o que escrevemos páginas atrás, vemos que são numerosas mas as dificuldades para realizar-se um estudo completo sobre a charqueada. Na realidade, é quase impossível fazê-lo isento de lacunas, dada a pobreza das fontes que poderiam ocorrer o estudioso com dados sociológicos. O que se pode dizer, acorde com o que deixamos escrito, é que, expresso em lineamentos importantes, o saladeirismo nasceu e se desenvolveu com acentuada feição estrutural. A idéia mais simples que podemos formar dele é a de um processo ou produto de processo eminentemente mesológico, cuja focalização elucidará melhor certos aspectos típicos da sociogênese rio-grandense.

Como já vimos, a charqueada reuniu em torno de si um conjunto de agências e traços culturais de tal modo dinâmicos que a apontam como um grupo de comunhão no sentido mais amplo. Ao contemplar a organização dos saladeiros, realmente, ninguém poderá se surpreender vendo-os como verdadeiros grupos sociotárlicos. Assim sendo há que levar em conta todos os seus elementos constituintes, moldados em normas fixas de ação em face dos pré-requisitos impostos pelo trabalho saladeiril, autêntico "ensemble culturel" em si mesmo. O sistema de relações entre os seus membros, os contatos entre estes e os demais grupos sociais organizados, as formas permanentes e acidentais desses contatos, as funções desempenhadas coletivamente para criar o manter um espírito fundamental de uni-

dade, os valores interativos e as deflexões relacionadas, tais são, entre outros, os problemas que a charqueada desde logo sugere ao sociólogo. Não pretendemos abordá-los aqui, embora o seu estudo afete diretamente a razão de ser deste capítulo. Isso porque eles constituem matéria de largo trato, a ser objeto de estudo posterior.

Damos abaixo uma relação dos principais elementos culturais encontrados nas charqueadas, excluídas as correntes secundárias ou substitutivas de atividade sociológica verificáveis nas áreas periféricas (as tabladadas, entre elas):

Vida material

- Casas amplas, mas simples, caracterizadas pela retangularidade das suas linhas;
- Industrialização de milhares de novilhos em cada safra;
- Trabalhos aratários nos intervalos das matanças;
- Utilização dos subprodutos.

Vida social

- Africanização progressiva da peonagem;
- Divisão dos trabalhos;
- Festas de candomblé e batuques;
- Aperfeiçoamento paulatino dos processos de carnear;
- Formação de especialistas em salga, curtidura, saponificação, etc.

